

HISTÓRIA DE VIDA DE UM LUTADOR DE BOXE: UMA HISTÓRIA ORAL

A BOXER'S LIFE STORY: AN ORAL HISTORY

LA HISTORIA DE VIDA DE UN BOXEADOR: UNA HISTORIA ORAL

Christiane Freitas Luna¹
Anderson Carlos Leal Santana²

Manuscrito recebido em: 30 de junho de 2021.

Aprovado em: 23 de setembro de 2021.

Publicado em: 17 de novembro de 2021.

Resumo

O boxe é uma luta presente antes mesmo da antiguidade. Registros pictográficos dão conta desse registro longínquo. Sua transformação em um esporte de combate, traçou-se um longo caminho, fazendo-se presente de forma acentuada na sociedade atual. O objetivo desta investigação foi constatar a percepção de um atleta de boxe acerca da sua carreira, destacando sobre sua relação com os treinadores, os tipos de treinamentos e ainda assim, as alegrias e tristezas enfrentadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, integrada na modalidade história oral. Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista estruturada com 11 (onze) perguntas abertas. O entrevistado foi um brasileiro que teve uma carreira internacional no boxe profissional. Observou-se que o ex-atleta ainda vive o boxe, tendo como estímulo sua paixão pelo esporte, a qual não o deixou afastar-se, apesar de reconhecer os detrimientos existentes, considerando ainda, questões relativas aos treinos e aos novos alunos da modalidade esportiva.

Palavras-chave: Boxe; História de vida; Artes marciais.

Abstract

Boxing is a fight present even before antiquity. Pictographic records account for this distant record. Its transformation into a combat sport has come a long way, making itself strongly present in today's society. The objective of this investigation was to verify the perception of a boxing athlete about his career, highlighting his relationship with coaches, the types of training and even so, the joys and sorrows faced. It is qualitative research, integrated in the oral history modality. For data collection, a structured interview with 11 (eleven) open questions was carried out. The interviewee was a Brazilian who had an international career in professional boxing. It was observed that the former athlete still lives boxing, having as a stimulus his passion for the sport, which did not let him go away, despite recognizing the existing detriments, also considering issues related to training and new students of the sport sports.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professora na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7752-883X>

Contato: chrisfluna@gmail.com

² Graduando em Educação Física pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9829-848X>

Contato: 201710100@uesb.edu.br

Keywords: Boxing; Life story; Martial arts.

Resumen

El boxeo es una lucha presente incluso antes de la antigüedad. Los registros pictográficos dan cuenta de este registro distante. Su transformación en un deporte de combate ha recorrido un largo camino, haciéndose muy presente en la sociedad actual. El objetivo de esta investigación fue verificar la percepción de un deportista de boxeo sobre su carrera, destacando su relación con los entrenadores, los tipos de entrenamiento y aun así, las alegrías y tristezas que enfrenta. Es una investigación cualitativa, integrada en la modalidad de historia oral. Para la recolección de datos se realizó una entrevista estructurada con 11 (once) preguntas abiertas. El entrevistado era un brasileño que tenía una carrera internacional en el boxeo profesional. Se observó que el ex deportista aún vive el boxeo, teniendo como estímulo su pasión por el deporte, que no lo dejó irse, a pesar de reconocer los prejuicios existentes, considerando también temas relacionados con el entrenamiento y los nuevos estudiantes del deporte deportivo.

Palabras clave: Boxeo; Historia de vida; Artes marciales.

Introdução

O boxe em seu início como pugilismo, caracterizado como uma prática de diversão popular de classes operárias na Inglaterra, já foi aclamado por alguns como ciência e execrado durante tempos como prática cruel e violenta. A partir do século XX ele ganha um sentido hegemônico de esporte de contato e passa por diversas inovações em regras e equipamentos de segurança, destinados a evitar a morte dos seus praticantes. Hoje é um esporte olímpico consagrado (MONTEIRO, 2017).

Atualmente o boxe popularizou-se mundialmente, sendo realizado em diversas academias de lutas e ginásticas mundo a fora. Cada esporte tem suas características próprias sejam de espaço, tempo ou exigência física determinada. No caso do boxe o contato físico é predominante. Os movimentos característicos da luta de boxe, são: jab; direto; cruzado; gancho e movimentações de base, tornando-o além de uma prática de luta, uma atividade física de alta intensidade, sendo buscada com o intuito de melhoria da aptidão física e qualidade de vida dos praticantes (BELTRANI FILHO et al 2009; SANTOS, SILVEIRA, 2017).

Por outro lado, existe uma “cortina densa” que envolve o dia-dia nas categorias do boxe como esporte/profissão, e em especial, toda a jornada do praticante, o boxeador (*boxel*). Á vista disso, Wacquant (2000) caracteriza o lutador de boxe como um produto:

O lutador vende a varejo a capacidade, resultante de treinamento, que tem o seu corpo masculino de causar e suportar abusos físicos entre as cordas do ringue [...] depois de longos anos de “sacrifício”, seguindo as regras do ascético regime do boxeador, correndo e treinando todos os dias, alimentando-se de acordo com dietas assassinas, e restringindo sua vida social e sexual, ele finalmente consegue colocar o cinto de campeão. (WACQUANT, 2000, p.129).

Diante do exposto, torna-se relevante esta investigação com o intuito de verificar a percepção de um atleta de boxe sobre sua carreira, sobre a sua relação com os treinadores, tipo de treinamento e as alegrias e tristezas enfrentadas. Para atingir tal objetivo foi utilizada a metodologia de trabalho história oral, com perguntas a serem feitas por meio de entrevista gravada em áudio.

Justificamos a elaboração dessa pesquisa como forma de resgatar a memória de um personagem que adotou durante toda a sua vida o Boxe como estilo de vida e profissão, procurando constatar a percepção de um atleta de boxe acerca da sua carreira, destacando sobre sua relação com os treinadores, os tipos de treinamentos e ainda assim, as alegrias e tristezas enfrentadas. Do mesmo modo, “O testemunho oral gera novas histórias, que por sua vez, pode literalmente contribuir para dar voz as experiências vividas por indivíduos e grupos que foram excluídos das narrativas históricas, ou foram marginalizados” (THOMSOM, 1957, p.69).

Esse artigo está estruturado em quatro partes a contar desta introdução. A seção seguinte trata sobre a exposição da metodologia utilizada para o andamento da pesquisa. A segunda seção se refere a apresentação e discussão dos resultados da pesquisa, e por fim, as considerações finais do trabalho.

Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, integrada na modalidade história oral. Sobre a pesquisa qualitativa Minayo (2001, p.22) afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Ao mesmo tempo, as “entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (PORTELLI, 1997, p.31). Ao utilizarmos da história oral acreditamos na memória como fonte histórica confiável, dando ênfase na recordação, na trajetória do indivíduo, considerando sua biografia e o interesse pela sua experiência concreta de vida.

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com atores e testemunhas do passado. Inicialmente sua aplicação se dava principalmente nos campos da sociologia e da antropologia e na constituição de bancos de entrevistas. [...] Ela se presta a interesses acadêmicos, pedagógicos, arquivísticos e terapêuticos. Há diversas correntes e modos de abordagem e possibilidades diferenciadas de objetos de estudo. (ALBERTI, 2000, p.1-2)

Bem como, o processo de recordar é uma forma importante para identificarmos o que determinada população pensa no tempo presente e/ou o que pensava no tempo passado, considerando o que gostaria de ter sido e/ou ser. Essas histórias lembradas por meio da entrevista não são representações exatas do passado, nem possuem em seu alicerce a intenção de serem, mas conseguem trazer aspectos do passado que moldaram os indivíduos e aspirações antes reservadas (THOMSOM, 1957).

Diante do exposto, foi utilizada como instrumento para a coleta de dados a entrevista estruturada, regida por 11 (onze) questões abertas, sendo as mesmas lidas ao entrevistado, reservando-o um tempo livre para suas percepções e esclarecimentos, advindos da mesma. Para isso, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada elaborado pelos autores, abordando as temáticas antes apresentadas.

Aplicação do instrumento foi realizada no dia 28 de maio de 2021, das 15h40min às 17h20min, na sede da Associação Jequiense de Boxe (AJEBOXE) em uma sala fechada, com um espaço para massagem, estando o mesmo desocupado, sendo proposto por ser um espaço ventilado e ainda assim, podendo evitar possíveis barulhos advindo da rua ou mesmo de alguns alunos que ao longo da entrevista foram chegando. Estavam presentes na sala para entrevista dois pesquisadores e o entrevistado, o boxeador Everaldo Costa Azevedo. A entrevista foi agendada de forma muito tranquila, já que os pesquisadores têm uma relação pré-estabelecida com o dono e instrutores da academia, que sempre colaboram nas aulas ou eventos de lutas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Portanto, em visita à academia, junto ao próprio entrevistado foi agendado o dia e o horário, que a *Priore* iria ser realizada em duas etapas, mas por conta de o conjunto de informações terem sido obtidos em um tempo que não se estendeu demasiadamente e o pesquisador entender que as respostas já cobriam os temas propostos, ela se deu em apenas 1 (um) dia. Alguns esclarecimentos foram feitos através de mensagens ou ligações pelo aparelho celular.

Cabe aqui ressaltar que decretos estaduais e municipais permitiam a abertura da academia, e por conta das medidas epidemiológicas, foram respeitados alguns protocolos, como higienização do local e das mãos, medição de temperatura no momento de acesso a espaço, distanciamento de 1,5m entre entrevistador e entrevistado, assim como uso de máscaras pela pesquisadora durante todo o processo. O entrevistado, optou por não usar a máscara, por dois motivos, o primeiro por já está devidamente vacinado e segundo porque o tom da voz um pouco baixo iria prejudicar a captação do som, feita por um celular Samsung, galaxy A30.

Everaldo, é uma figura conhecida no município e já havia participado do I Seminário de Práticas Corporais de Lutas como palestrante e com algumas pinceladas de sua história de vida em sua participação no evento, despertou o interesse em saber mais sobre esse senhor que falava tão visceralmente de sua experiência com o boxe.

O entrevistado possui 76 (setenta e seis) anos de idade, natural de Conceição do Jacuípe, região metropolitana de Feira de Santana, a 97km da Capital Salvador - BA. Ele é casado e possui duas filhas e quatro netos. Nesse sentido, é importante se fazer um preâmbulo sobre a história de vida de Everaldo Costa Azevedo e a sua carreira como boxeador. Azevedo era um boxeador que na maior parte da sua carreira lutou pela categoria meio médio. Suas primeiras 28 (vinte e oito) lutas foram em seu país natal, o Brasil, e em todo o seu cartel de lutas (128³ ao todo) foram 79 (setenta e nove) vitórias, 22 (vinte e duas) derrotas e 26 (vinte e seis) empates (BOXER LIST, 2021).

O *boxel* lutou com muitos campeões e lutadores mais bem avaliados ao longo de sua carreira, incluindo Bruno Arcari, Carlos Palomino, Nicolino Locche, Joergen Hansen, Rocky Fratto, Billy Backus, Gianfranco Rosi, Marijan Beneš e o medalhista olímpico de bronze Mario Guilloti. Azevedo, como era chamado, fez carreira no Brasil, Argentina e Itália e teve a oportunidade de disputar 2 (duas) vezes o título mundial de boxe.

Foi solicitado na entrevista que o *Boxel* Everaldo Azevedo, a partir de perguntas geradoras, falasse livremente sobre sua história de vida relacionada ao esporte, sobre os conhecimentos, comportamentos e valores do treinamento de boxe, o que deve ser ensinado, por que, para quem e sobre a contribuição do boxe na sua vida. Com a devida autorização do mesmo para a utilização dos dados coletados para fins científicos, a descrição e conteúdo das perguntas foram esclarecidas e o participante foi informado do caráter voluntário da participação nesta pesquisa.

³ Senhor Everaldo em entrevista alega ter feito 129 lutas ao todo, uma delas não foi computada, foi exposto na entrevista em uma ocasião do não comparecimento do seu adversário, ele aceitou entrar no ringue contra um profissional mesmo ainda sendo amador.

Após as transcrições das respostas da entrevista, as falas foram sistematizadas e organizadas, tendo como caminho condutor a carreira do entrevistado como boxeador e as implicações para a sua vida. A seguir, apresentamos os resultados, sendo os mesmos expostos, a partir da apresentação das perguntas e respostas, seguidas de análise das mesmas.



Foto de entrevista realizada nas dependências da academia ajeboxe no dia 28 de maio de 2021.

Resultados e Discussão

- Quando e por que ingressou no boxe?

O primeiro contato começou aos 12 (doze) anos vendo fotos de boxeadores na revista (CRUZEIRO⁴). Ele conta que ia para o quintal de sua casa jogava água no corpo e fingia que era suor, a ponto de uma vizinha perguntar se ele possuía algum problema.

⁴ Revista semanal ilustrada, de circulação nacional, era uma revista de variedade e tinha matérias bastante diversificadas, iniciou sua circulação em 10 de novembro de 1928, caiu em decadência nos anos de 1960 e encerrou as atividades em 1975.

Aos 14 (quatorze) anos, pela rigidez imposta pelo pai e a rebeldia do tempo de criança, quando ainda morava na região rural, ele migra para São Paulo com uma família amiga que já morava na cidade.

“[...] em casa tinha: cipó caboclo, que bate e marca, tinha taca de cavalo.... e à palmatória. Todos nós (os irmãos) gostávamos de palmatória, por quê? para não ficar marcado, porque usávamos calça curta.” (AZEVEDO)

Já em São Paulo, quando morava no bairro da Bela Vista, a caminho do trabalho, tinha a academia Matarazzo (de boxe), e ele passava todos os dias e a observava. Em uma reação a um assalto, infringido por três homens, ele acaba apanhando e fugindo correndo, decidindo então, entrar na academia. Ele relata que foi bem acolhido.

Segundo Monteiro (2017, p. 180) o boxe desde os primórdios do boxe inglês:

[..] ele adquiriu diversas facetas junto a usos e significados sociais construídos muitas vezes de forma conflituosa: uma útil arte de autodefesa para cavaleiros; fonte viva de coragem e amor à nação britânica em uma época de conquistas e disputas internacionais; espetáculo para multidões e, conseqüentemente, um grande negócio a se investir; uma forma menos violenta de se resolver questões de honra que a esgrima ou as pistolas; um meio de exercitar-se e manter a saúde frente a fraqueza ou a “corpulência”...[...]

E foi nessa útil arte que nosso entrevistado é atraído e vai aos poucos modificando sua relação com esporte.

- Quais eram suas expectativas ao entrar no boxe?

Ele afirma que tinha mais contato com o futebol, conhecendo o boxe das revistas, não possuindo expectativas no esporte até entrar na academia, onde evoluiu muito rápido tornando-se um boxeador amador.

“quando comecei na academia, todo mundo pegava, não sei por ser menorzinho e tal...mandavam eu fazer, eu fazia tudo que eles mandavam fazer, parecia que eu tenho que fazer, meu pai não tá aqui, minha família não tá aqui então qualquer coisa que pedia eu fazia. Eles começavam a gostar de mim, teve aquele campeonato, eu pensava que eu não ia entrar porque tinha poucos meses de treinamento, me puseram, eu perdi na primeira luta”. (AZEVEDO)

Na tese de Faria (2005) reforça-se a ideia de que pessoas de camadas populares são as que se dedicam mais seriamente a construir carreira no esporte, impressões em seu trabalho e em grupos focais. “Afirmarções como “... a gente se dedica mais pra poder crescer no esporte” e “... rico não quer ralar, quer tudo na mão”, expressam esse tipo de pensamento” (p.90).



Foto ilustrativa do arquivo pessoal de Everaldo Costa Azevedo de jornal Brasileiro publicado na época.

- Qual era o perfil dos seus treinadores?

Quando perguntado sobre o perfil dos treinadores ele afirma que só teve um em toda a sua carreira⁵ e que todos na academia sempre o ajudavam bastante, mas, não dá detalhes específicos. Fala apenas do seu cartel e sua capacidade como lutador.

“Você obedecia de maneira extraordinária, para você o que ele (treinador) dizia era sagrado.” (AZEVEDO)

Segundo Wacquant (2000), boxeadores profissionais são extremamente conscientes quanto ao fato de terem entrado em um universo de exploração desenfreada em que a mentira, a manipulação, o ocultamento dos fatos e os maus-tratos são a regra, contudo o nosso entrevistado não vivenciou ou não enxergou essa experiência.

⁵ O seu Técnico em São Paulo foi Otávio Lucas e em Pavia – Itália foi Humberto Brancine.

- Tinha um treinamento físico fora da academia de boxe? Você tinha algum acompanhamento extra além do seu treinador?

Foi relatado um treino aeróbico por meio de corridas de até 11km. Ele também relata que na parte da tarde além do treino com luvas tinha um treino de ginástica na academia e em casa, todo treinamento orientado pelo treinador. Ele afirma que na academia que frequentava, após passar para a categoria profissional, tinha técnico, professor de educação física e médicos a sua disposição.

“Mas na academia todo dia de manhã ele mandava a gente treinar, a gente ia pra o Pacaembu correr, e de tarde tinha academia e todo mundo treinava [...] o que eles mandavam a gente fazer a gente fazia, eu logo no começo eu não corria mais que 3km, aí eu dava oito voltas no Pacaembu”. (AZEVEDO)

O treinamento físico naquela época ainda não tinha conquistado *status* da importância que tem hoje, contudo já observamos uma inicial percepção de que além do treinamento técnico específico, já havia preocupação com o desenvolvimento de exercícios funcionais. Mas sem grande sistematização, principalmente do treino de força. Pacheco (2010), relata:

Conclui-se neste estudo que, com a prática sistematizada da musculação, na fase do Treinamento Físico Direcionado em atletas lutadores de Boxe, propõem-se exercícios fundamentados para que o profissional possa prescrever, nesta fase do treinamento, o desenvolvimento da força específica ao esporte relacionado. Porém tal treinamento deve ser utilizado na preparação de maneira adequada, aplicando os conhecimentos referentes à teoria do treinamento esportivo, cinesiologia e biomecânica. (p.67)

- Como era sua relação com os empresários?

Ele cita que naquela época só tinham dois empresários conhecidos, mas o mesmo não possuía empresário, sendo o seu treinador que tomava conta de tudo. O treinador era quem arranjava as lutas e ele ficava com 20% (vinte por cento) do valor total acertado.

“[...]quase sempre no Brasil, nunca teve (empresário) depois a partir de Cartes Nelson pra eu levar você pra fora, porque se não, não. Aqui no Brasil o que acontecia os técnicos entre eles se telefonavam e marcavam os encontros e tal, então tinha aquele que era o promotor das lutas, ele promovia a luta vinha pra você, pro seu técnico acertar, você vai ganhar tanto, assinava o contrato e você ganhava tanto [...] ganhasse ou perdesse você ganhava o seu”. (AZEVEDO)

A experiência de Everaldo, mais uma vez difere da ideia do empresário como explorador, talvez pela época não se ter uma “profissionalização” deste elemento, ou por ele ter dado sorte em sua vida profissional.

Mais uma vez em estudo de Wacquant (2000), vemos:

Os lutadores são unânimes em afirmar que esse jogo está cheio de “empresários ladrões” (“tem um monte deles, daqueles que estão a fim de fazer uma grana rápida”), e consideram axiomático que os empresários e organizadores de lutas são “mercadores de carne” que não hesitarão em mandá-los “lutar com o King Kong por dez centavos” se isso lhes parecer lucrativo. “Se você é um lutador, e principalmente se você não tem gente graúda do seu lado”, explica um peso-leve afro-americano que trabalha ocasionalmente como eletricitista, após um breve período como fuzileiro naval, “é como se você estivesse em uma piscina com um monte de tubarões, sabe como é, e eles todos ali [fazendo como quem está se deliciando], ‘você é bem suculento, vou tirar um naco da sua bunda!’” (p.128)

- E quanto à alimentação, perda de peso e pré-competição? Tinha alguma orientação?

Ele afirma que tinha muita responsabilidade pré-competição, e um mês antes ele se resguardava, não frequentava balada, não bebia ou fumava. Sobre a perda de peso, ele relata que três semanas antes da competição começava o processo indicado pelo treinador (não tinha nutricionista). Ele aumentava o treinamento físico, corria 11km pela manhã, saía em jejum. Treinava com roupas de lã e látex para gerar maior sudorese, eram 20 (vinte) rounds sem parar de 3 (três) minutos e 1 (um) minuto de descanso.

Sobre a alimentação, há três semanas para realização da luta, no período da manhã era ovos, meio dia um bife de 150gr com arroz ou purê e no período noturno 100gr de peixe e uma maçã acompanhado com um copo de leite ou suco de laranja. Ele conta que ao todo perdia mais de 5 (cinco) kg nessa preparação, relatando ainda, problemas de humor pela privação de comida, por conta da dieta.

“Que eu conheço até hoje desde 65 (1965) 99% dos boxeadores tem problema de peso, todos têm problema de peso, então um exemplo, no meu caso eu nunca fui muito alto pra minha categoria, nunca fui um físico privilegiado...nunca tive, o que eu tive privilegiado é minha técnica, então eu nunca podia passar de outra categoria, eu nunca fui potente”.

“[...]eu andava sempre com limão e chicletes, naquele tempo comprava chicletes....eu até não ficava perto de ninguém, por quê? era um chiclete hum... hum... cuspiam, eu chegava a tirar 200g num dia”.

“[...]é terrível aquela semana, sabe, então eu conversava pouco, é porque...não! era de nervoso que me dava, não, nervoso de, de, de, de, perder peso sabia que não era uma pessoa potente tinha que está muito rápido tinha que treinar, muitas vezes eu tava morto de cansado, que é normal, todo dia treinando, podia chover, podia fazer sol, eu tinha que correr 11km [...] eu sou obrigado a fazer isso pra manter o peso, nunca gostei de fazer ginástica, eu fazia em casa assistindo televisão, minha filha ali”. (AZEVEDO)

Talvez aqui tenha sido o único tema em que o entrevistado, realmente tenha se sentido mal. Uma lembrança que não traz boas recordações. É o único momento onde ele, apesar de relatar um entendimento da necessidade de sua dieta, mostrou-se incomodado, chegando a falar de mudanças de humor, afirmando ainda, valorizar a esposa por ser compreensiva com o comportamento dele nesses momentos.

Em estudo de Lucena, et. al. (2009) afirma ser uma estratégia tradicional, que não utilizam medicamento por conta do teste antidoping, mas a perda de muito peso, em pouco espaço de tempo, coloca em risco a saúde. O estudo revela inclusive casos de distúrbios alimentares provocados pelas dietas constantes e aumento excessivo de treinos o que pode ter comprometido a fase pré-competitiva, onde deveria diminuir e não aumentar a carga.

Para os lutadores que responderam que seu humor não se altera, pode ser explicado devido à sua experiência e por ter experimentado diversos métodos, se adequando assim, aos métodos menos psicologicamente estressantes. É normal que uma pessoa fique abalada quando precisa reduzir o seu peso, e quando se trata de atleta a pressão é ainda maior, pois há toda uma história que envolve família, amigos, medo, mídia dentre outros. Dependendo da importância da luta e da trajetória esportiva do lutador alguns não sentem mal em determinado período. É importante que se trabalhe com o psicólogo do atleta. (LUCENA, et. al. 2009, p. 47)



Foto ilustrativa do arquivo pessoal de Everaldo Costa Azevedo de jornais Argentino e italiano publicados na época.

- Como atleta de boxe como foi sua vida financeira? Era possível viver do boxe?

Assim que ingressou no boxe ainda necessitava de um trabalho para se sustentar. Depois de algum tempo competindo, por volta dos 21 (vinte e um) anos, viu que não chegaria longe se continuasse na jornada tripla: trabalho, estudo e boxe. Então ele escolheu focar só no boxe por um ano e meio, decidiu por fazer seis lutas e ver se poderia viver de boxe. E logo depois recebendo uma proposta para viver na Argentina, saiu em 1971, em seguida foi para Itália com um contrato de três anos, passando 31 (trinta e um) anos e em 1972 disputou o título mundial.

O entrevistado diz ter tido uma carreira de sucesso que o fez ter uma vida financeira satisfatória e proporcionou uma vida com conforto e sem nenhum problema. Ou seja, depois que virou profissional não relata apertos ou problemas para o seu sustento. Provavelmente, por ter uma carreira bem-sucedida isso colaborou com o seu bem-estar financeiro.



Foto ilustrativa do arquivo pessoal de Everaldo Costa Azevedo de jornal italiano publicado na época.

- Como foi sua transição, deixar de ser atleta profissional?

Na Itália, o boxeador só podia atuar até os 40 (quarenta) anos, então ele foi obrigado a se despedir do boxe. Ele afirma que até tentou manter-se lutando, mas a única possibilidade era voltando para ao Brasil e sem grandes certezas. Portanto, mesmo lamentando e se sentido capaz de continuar, se aposentou. Passou por um período de

enclausuramento, sem vontades. Um amigo que vinha ver todas as suas lutas fez uma proposta de trabalho em uma empresa de laticínios depois de um período inativo, aceitando o conselho de um amigo que o alertou sobre a futura falta de dinheiro, o mesmo permaneceu 16 (dezesesseis) anos trabalhando lá até retornar ao Brasil.

“[...]nunca pensei em ser treinador, lhe digo uma coisa porque eu dentro de mim, era egoísta demais, eu falei, não o que eu sei não quero que ninguém aprenda, sempre tive isso comigo”. (AZEVEDO)

Em uma pesquisa sobre jogadores de futebol, podemos presenciar o momento de abandono do esporte e suas consequências e em um esforço de generalização podemos encontrar algumas semelhanças com o entrevistado.

A pesquisa permitiu, também, constatar as consequências subjetivas e objetivas do abandono da carreira esportiva. Entendemos que se destacam dois, entre os diversos problemas: a) a necessidade de reconstruir uma nova identidade, a de um não atleta. Pois, para o jogador de futebol não é fácil deixar o sonho pelo qual viveu durante um período importante de sua existência, tendo a relação com o torcedor, os meios de comunicação, enfim, o reconhecimento e a “badalação” que lhe são dispensados por não mais fazer parte do futebol, passando a ser um “simples mortal”; b) o fato de que a maioria dos atletas não está preparada para inserir-se noutros espaços laborais (GONZÁLEZ, BORGES, SFALCIN, 2015, p. 19)

- Quais foram suas maiores alegrias no boxe?

Em primeiro lugar o orgulho que os seus familiares têm sobre sua carreira, e o segundo, ter sido o único brasileiro a ter disputado o título mundial no meio-médio (66kg) e ser um dos poucos brasileiros que fez mais de 100 (cem) lutas, fazendo 129 (cento e vinte e nove).

“[...]hoje, desde 84 (1984) que eu parei de lutar meus netos e minhas filhas quando por alguma coisa eles põe o nome Azevedo, e alguém vê Azevedo, o que você é daquele grande boxeador? (fala extremamente emocionado)”. (AZEVEDO)

- Quais foram suas maiores tristezas?

Responde em uma única frase, não ser campeão do mundo.

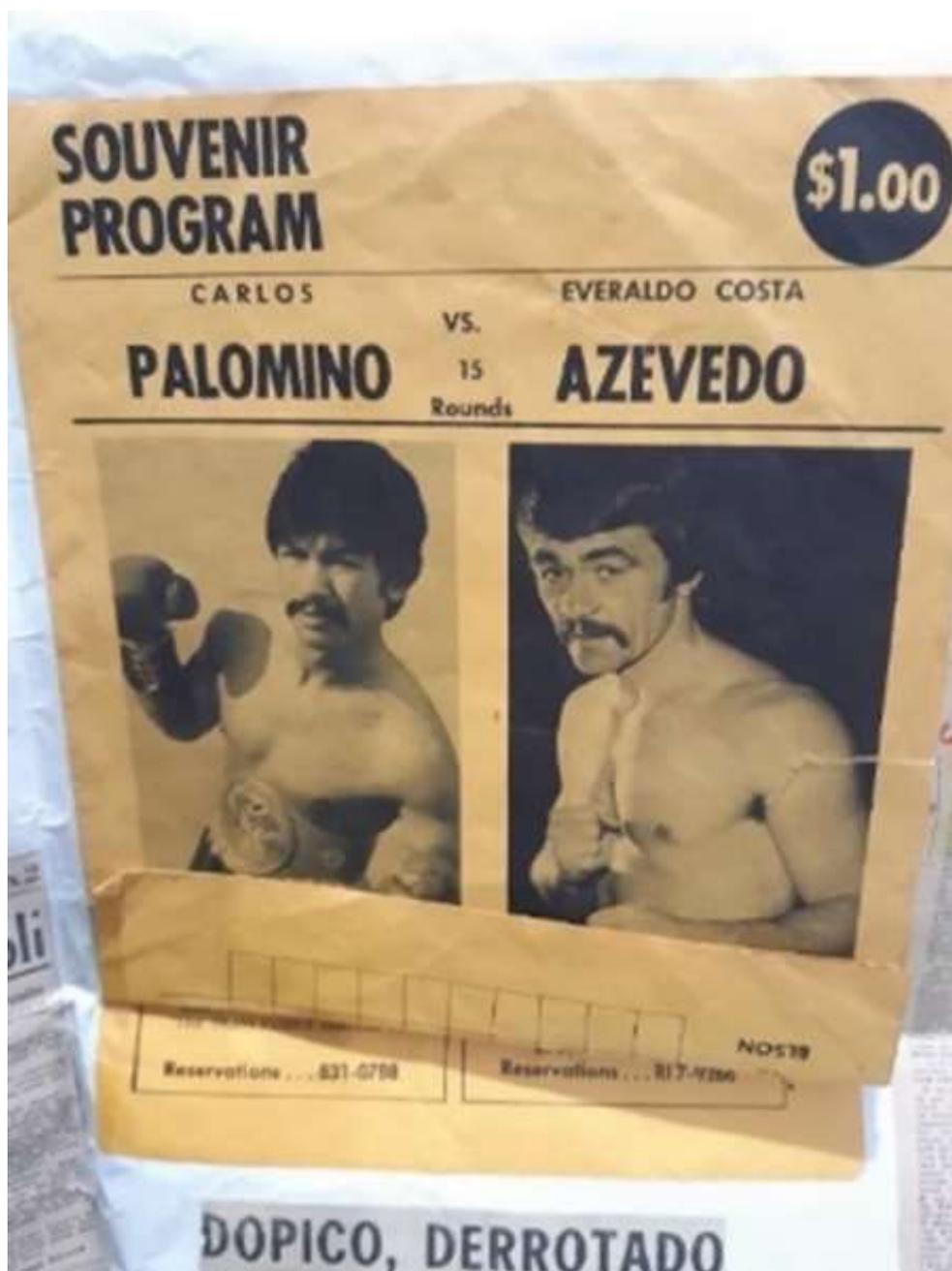


Foto ilustrativa do arquivo pessoal de Everaldo Costa Azevedo de cartaz de promoção da luta na época.

- Hoje qual é a sua relação com o boxe?

Everaldo afirma hoje ter uma ótima relação com o boxe, pois foi muito bem acolhido na academia AJEBOXE em Jequié, onde é muito considerado. Afirma ainda que acompanha o boxe e é sempre perguntado sobre o que acho daquele ou outro lutador. Muito emocionado ele diz:

“[...] aqui na academia eu encontrei pessoas maravilhosas, a base de tudo aqui dentro é a consideração. (AZEVEDO)”

- Impressões e falas complementares

Fora da entrevista já havia estado na academia diversas vezes e nestes momentos pude presenciar um respeito e admiração muito grande para com o senhor Everaldo. Ele interfere na aula na hora que acha pertinente, e os instrutores imediatamente se calam e ouvem suas explicações, falam com ele com muita deferência e carinho. A admiração também foi notada quando um dos instrutores pediu para que o entrevistado contasse uma história que ele considerava marcante em sua vida. Denotando um conhecimento de sua vida de lutador e a admiração pelo vivenciado, suas conquistas e suas habilidades esportivas e sociais.

Antes de terminar a entrevista conversamos sobre alguns outros temas relacionados, e um chamou a atenção em particular, foi a falta de dedicação dos alunos de boxe. Ele falou de forma um pouco decepcionada sobre a falta de foco dos alunos, onde a obediência não existe mais, a hierarquia é constantemente desrespeitada, o que levava a um desenvolvimento nem um pouco satisfatório dos alunos na arte do boxe.

Acredito que uma das justificativas sobre a falta de foco dos alunos tenha como possível explicação o fenômeno do boxe de academia, segundo Mariante Neto et. al (2012) no levantamento da problemática do seu estudo, levantando um tema interessante, que vai do entendimento da busca dos alunos, se por uma prática social do boxe e/ou como o vemos na mídia: boxe numa perspectiva de fitness. Questiona até se está existindo uma desportivização do boxe.

Após a análise do material empírico produzido via estudo etnográfico, identificamos formas diferentes de pensar e viver o boxe, o que configurava, inclusive, uma heterogeneidade no interior da academia, onde numa mesma aula, alguns praticantes buscavam fins estéticos que o boxe proporcionava, assim como frequentadores que queriam aprender a lutar, visando a defesa pessoal. Sendo que o boxe, na perspectiva de competição não foi encontrado naquele local, chegamos a perguntar: estaríamos diante de um boxe desportivizado? (MARIANTE NETO et. al, 2012, p. 119)

Depois da entrevista propriamente dita, tivemos um momento onde o entrevistado trouxe uma grande quantidade de fotos e artigos de jornais, onde localizou por vezes suas histórias contadas. Ele falou diversas vezes de suas lutas e o processo antes de depois delas, histórias interessantes, mas que por conta do direcionamento da pesquisa ficaram de fora. Mas vale ressaltar a capacidade de relatar com detalhes, em qual *round* aconteceu a luta, o nome de cada adversário, os golpes deferidos por ele e por seus adversários em momentos decisivos de suas lutas, mostrando uma grande paixão e uma ótima memória.

Considerações finais

Podemos observar que o seu início no boxe foi marcado por um acaso, apesar de já existir uma simpatia pelo esporte, por sorte ou por carisma foi muito bem acolhido numa das grandes academias de Boxe de São Paulo, na qual permaneceu até sua saída do país. Por ser uma pessoa “obediente”, fruto da sua educação parietal, e apesar de não ter criado grandes expectativas no início, ele se transformou em um atleta dedicado e competitivo.

Apesar da boa relação com o seu técnico, os recursos de treinamentos não eram muito vastos, todas as orientações: técnicas, táticas, treinamento físico e nutricional eram feitos apenas pelo técnico. Inclusive, o técnico assumia função também de empresário.

O boxe foi sua fonte de renda por quase toda a vida e apenas aos 40 (quarenta) anos (por uma determinação legal), encerra sua carreira como lutador e vai trabalhar na indústria, sem nunca perder o interesse pelo esporte, tanto que ao se aposentar retorna ao Brasil e se mantém como um colaborador dos treinos de boxe de uma academia local.

Como toda história de vida essa também possui uma grande relevância, nos mostra as alegrias e as dificuldades de ser um atleta profissional de alto nível. Mostra, o orgulho desse senhor por ter alcançado um reconhecimento internacional, de ter sido um atleta dedicado, mas também as agruras de não ter alcançado seu objetivo maior, ser campeão mundial. A privação alimentar pré-competição que o levava a uma mudança de humor e a grande tristeza de ter parado antes do momento que ele almejava.

Vale ressaltar que apesar das felicidades proporcionadas pelo grande apego a família, ter sido acolhido e ser respeitado no espaço do boxe ainda lhe rende grandes emoções. Esse senhor de quase 77 (setenta e sete) anos ainda se mantém ativo, auxiliando os treinadores parceiros, demonstrando movimentos para os alunos, e até mesmo dando bronca em seus alunos, os quais ele afirma não terem a mesma dedicação dos atletas de outrora.

Referências

BELTRANI FILHO et al. Lesões esportivas durante lutas no boxe amador. **Arquivos brasileiros de Ciências da saúde**, v.35, n.1, p. 15-18. 2009.

BOXER LIST. Disponível em: <https://boxerlist.com/pt/boxer/everaldo-costa-azevedo/18296/>. Acesso em 22 de junho de 2021.

DE MATOS, J. B. et al. A presença/ausência do conteúdo lutas na educação física escolar: identificando desafios e propondo sugestões. **Conexões**, v.13, n.2, p.117-135, 2015.

FARIA, C. P. **Corpos no ringue: Encontros de discursos e práticas, representações e imagens na experiência de participação em um “projeto social”, entre jovens moradores da Maré (RJ)**. PPGSA/IFCS/UFRJ, 2005, p. 175 Tese: Mestre em Ciências (Sociologia e Antropologia).

GONZÁLEZ, F.J.; BORGES, R. M.; SFALCIN, A. O sonho acabou: Abandono da carreira esportiva de atletas profissionais de futebol. **Revista Corpo consciência**. Cuiabá-MT, v.19, n.1, p.11-21, jan/abr 2015

LUCENA, et al. Métodos e estratégias utilizadas para perda de peso pré-competição em lutadores de boxe. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**. v.3, n.13, p.42-49, Janeiro/Fevereiro. São Paulo, 2009.

PACHECO, R. L. F. Treinamento direcionado na preparação física para atletas lutadores de boxe. **Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional**. Belo Horizonte, 2010.

MARIANTE NETO, F. P.; MYSKIW, M.; STIGGER, M. P. Entre a academia de boxe e o boxe da academia. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 103-123, jan/mar de 2012.

MONTEIRO, F. P. Transformações técnicas das lutas sob uma óptica da História Social: o boxe inglês entre os séculos XVIII e XIX. **Temporalidades – Revista de História**, Edição 24, v.9, N. 2, mai./ago. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PORTELLI, A. O que faz a História Oral diferente. **Projeto História**, n. 14, fev/1997.

SANTOS, F. R.; SILVEIRA, R. ‘Saber-fazer’ é necessário para ensinar: Reflexões sobre o ensino do boxe em Rio Grande. **Educação Física em Revista**, v.11, n.1. 2017.

THOMSON, A. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Projeto história**. V.15. São Paulo, 1997.

WACQUA, NT. L. Putas, escravos e ganhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. **Revista Mana**. v.6, n.2, p.127-146, 2000.